

# A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO FATOR DE AUTONOMIA NA JORNADA ACADÊMICA UNIVERSITÁRIA

Cíntia Cristina Maciel Neves<sup>1</sup>  
Louise de Quadros da Silva<sup>2</sup>  
Charlene B. Soster Luz<sup>3</sup>  
Douglas Vaz<sup>4</sup>  
Hildegard Susana Jung<sup>5</sup>

## RESUMO

As instituições de Ensino Superior, além de desenvolver o estudante quanto aos conteúdos de seu curso, devem, também, desenvolver competências como a autonomia, visando preparar este estudante para as realidades profissionais do século XXI. Nesse sentido, essa pesquisa possui como objetivo analisar como as ações de internacionalização podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia na jornada acadêmica dos universitários. Para isso, realizamos uma revisão de literatura, de cunho qualitativo, para compreensão dos conceitos e verificação do que vem sendo discutido sobre esta temática. Dessa forma, para a interpretação dos dados, nos apoiamos na análise de conteúdo de Bardin (2011). Dentre os principais achados da pesquisa destacamos, que os universitários podem desenvolver sua autonomia diante das diferentes formas de internacionalização propostas tais como mobilidade acadêmica internacional, internacionalização *at home* e pesquisas com estrangeiros. Por fim, constatamos que a mobilidade acadêmica apresentou-se como a experiência mais significativa para o desenvolvimento da autonomia visto que o acadêmico estuda ao menos um semestre no exterior.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Internacionalização. Autonomia do estudante.

## RESUMEN

Las instituciones de Educación Superior, además de desarrollar al estudiante en cuanto a los contenidos de su curso, también deben desarrollar habilidades como la autonomía, con el objetivo de preparar a este estudiante para las realidades profesionales del siglo XXI. En este sentido, esta investigación tiene como objetivo analizar cómo las acciones de

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Pedagogia na Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. E-mail: cintia.neves0176@unilasalle.edu.br

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. E-mail: louise.silva@unilasalle.edu.br

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. E-mail: charlenebs@gmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Educação e Coordenador Adjunto do curso de Pedagogia da Universidade La Salle Canoas. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. E-mail: douglas.vaz@unilasalle.edu.br

<sup>5</sup> Doutora em Educação. Docente e Coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade La Salle. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos Diferentes Contextos. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br

internacionalización pueden contribuir al desarrollo de la autonomía en el recorrido académico de los estudiantes universitarios. Para ello, realizamos una revisión de la literatura, de carácter cualitativo, para comprender los conceptos y verificar lo discutido sobre este tema. Para la interpretación de los datos, nos basamos en el análisis de contenido de Bardin (2011). Entre los principales hallazgos de la investigación, destacamos que los estudiantes universitarios pueden desarrollar su autonomía ante a las diferentes formas de internacionalización propuestas, como la movilidad académica internacional, la internacionalización en casa y la investigación con extranjeros. Finalmente, encontramos que la movilidad académica se presentó como la experiencia más significativa para el desarrollo de la autonomía visto que los estudiantes permanecen al menos un semestre en el extranjero.

**Palabras-clave:** Educación Superior. Internacionalización. Autonomía del estudiante.

## **ABSTRACT**

Higher Education Institutions, in addition to developing the student regarding the contents of their course, must also develop skills such as autonomy, aiming to prepare this student for the professional realities of the XXI century. In this sense, this research aims to analyze how internationalization actions can contribute to the development of autonomy in the academic journey of university students. For this, we conducted a literature review, of a qualitative nature, to understand the concepts and verify what has been discussed on this theme. Thus, for the interpretation of the findings, we rely on Bardin's content analysis (2011). Among the main findings of the research, we highlight that the university students can develop their autonomy in face of the different forms of internationalization proposed, such as international academic mobility, internationalization at home and research with foreigners. Finally, we found that academic mobility presented itself as the most significant experience for the development of autonomy since the academic studies at least one semester abroad.

**Keywords:** Higher Education. Internationalization. Student autonomy.

## **1. INTRODUÇÃO**

A internacionalização do ensino superior é cada vez mais frequente e, segundo Oliveira (2018), apresenta diferentes facetas: acordos e convênios entre universidades parceiras no mundo todo, programas internacionais de pesquisa e de produção do conhecimento, além de trocas acadêmicas entre docentes e discentes. Nesse processo, inegavelmente, o discente construirá sua autonomia pois como aponta Zatti (2007: 53) “[...] embora a autonomia seja um atributo humano

essencial, [...] ninguém é espontaneamente autônomo, ela é uma conquista que deve ser realizada”.

Ainda segundo Oliveira (2018) há um constante esforço por parte das universidades brasileiras em internacionalizar seus quadros. Dos programas existentes, podemos destacar: a) os de formação - mobilidade acadêmica nos cursos de graduação, formação de pesquisadores no exterior em nível de pós-graduação, mestrado, doutorado ou pós-doutorado; b) programas de pesquisa conjunta - cooperação científica inter-universitária através de pesquisa e/ou publicações conjuntas; c) programas de formação - visitas de longa ou média duração de professores estrangeiros convidados ou inserção acadêmica de professores destaque em programas internacionais; d) programas de formação interinstitucional - intercâmbio acadêmico de discentes ou docentes para qualificação de programas das universidades brasileiras. Para executar projetos de pesquisa e internacionalização, os estudantes e docentes contam com o apoio de agências de fomento à pesquisa. Segundo relatório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2019 foram concedidas 95 mil bolsas no país, das quais 44 mil foram destinadas a programas de Mestrado, 43 mil para Doutorado, além de 1,5 mil em modalidades diversas. Ainda, segundo o relatório, houve financiamento de R\$ 350.000.000 em ações para internacionalização com quase 7,5 mil bolsistas em programas fora do país. Ainda em 2019, a CAPES lançou cinco editais e mais de 1,5 mil vagas foram abertas para professores brasileiros da educação básica estudarem em instituições parceiras fora do Brasil.

Diante disso, essa pesquisa está estruturada em quatro principais partes, começando por essas considerações iniciais, seguidas da metodologia de pesquisa. Depois, discutimos com a interlocução dos autores, a temática da internacionalização e sua relação com a autonomia dos acadêmicos e por fim, temos as considerações finais onde são apontadas sugestões para pesquisas futuras.

## **2. METODOLOGIA DE PESQUISA**

Para a elaboração deste estudo, realizamos uma revisão de literatura (Creswell, 2010) a partir de materiais publicados nos últimos cinco anos, salvo em caso de clássicos. Além disso, destacamos que a pesquisa é de cunho qualitativo, pois não foca na quantidade numérica, mas

em uma compreensão mais detalhada de uma menor quantidade de dados (Creswell, 2010). Ao organizarmos o caminho metodológico, nos baseamos nas quatro fases de pesquisa segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010), a saber: Escolha do tema e elaboração do projeto da pesquisa; Coleta de material/informações; Seleção e organização do material coletado; e Redação final e divulgação.

Segundo os autores, para a escolha do tema existem dois fatores principais: fatores internos - afetividade em relação a um tema ou alto grau de interesse pessoal - e os fatores externos - a significação do tema escolhido, sua novidade, sua oportunidade e seus valores acadêmicos e sociais. Na presente pesquisa, utilizamos os dois fatores ao justificarmos que o tema foi elaborado a partir de um grau de interesse pessoal dos pesquisadores, bem como valores acadêmicos e sociais. Para a coleta de materiais para a revisão de literatura (Creswell, 2010), utilizamos plataformas de pesquisa como Scielo, Periódicos Capes e Google Acadêmico, além da biblioteca da Universidade La Salle. Focamos na busca de artigos e livros, bem como dissertações, teses, anais de encontros acadêmicos, periódicos científicos.

Para a seleção e organização do material coletado, nos apoiamos nas quatro regras de Bardin (2011), a saber: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Por fim, na quarta e última fase proposta por Kauark, Manhães e Medeiros (2010), Redação final e divulgação, nos detemos à elaboração deste artigo, contendo nossas inferências e interpretações dos achados, bem como o encaminhamento do texto final para divulgação em um evento internacional.

### **3. A INTERNACIONALIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A AUTONOMIA DOS ACADÊMICOS**

Segundo Engers (2002) vivemos um tempo onde se faz necessário dialogar, experienciar outras áreas, outras realidades, trabalhar cooperativamente e inovar. Dessa forma, saímos de uma educação bancária (Freire, 2005) e passamos para uma educação libertadora, que busca valorizar as construções e ressignificações dos educandos. Semelhantemente, Martins, Coimbra, Oliveira e Maturano (2019: 124) tratam das metodologias de ensino e indicam que: “Atualmente, as práticas no Ensino Superior seguem diversos modelos de metodologias ativas, tendo em comum a centralidade e autonomia do estudante, a flexibilização e articulação curriculares”.

Dessa forma, entendemos que a educação deve ser “[...] capaz de desenvolver o indivíduo em seu potencial pleno, condição imperativa para o acesso a conhecimentos e avanços futuros” (Vieira e dos Santos, 2019: 180). Assim, os docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) precisam, cada vez mais, de uma formação continuada para que, além de compreender, saibam lidar e aproveitar da melhor forma possível com as transformações sociais e os novos contextos tecnológicos (Martins *et al.*, 2019).

No caminho para o desenvolvimento pleno dos estudantes, temos a internacionalização na educação como forma de ampliar horizontes e formar pessoas capazes de lidar com situações globais, problemas e contextos diferentes aos seus. Segundo Miranda e Stallivieri (2017: 590): “A internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras têm sido, nos últimos anos, tema recorrente no âmbito das discussões sobre educação superior”. No mesmo sentido, Bezerra (2017: 5) indica que esta estratégia de ensino têm ganhado cada vez mais espaço na educação superior, isso porque, “[...] acreditasse que os estudantes devem ser preparados dentro e fora dos territórios nacionais para se tornarem sujeitos ativos num mundo que, hoje, é muito mais globalizado”. De acordo com Morosini e Ustárroz (2016, p. 37):

O processo de internacionalização da educação, iniciado no final do século 20, na esteira da afirmativa da globalização, impactou fortemente os sistemas educacionais nacionais, em todos os seus níveis, à medida que foi estendido ao ensino e a todo seu arcabouço constitutivo, desde estudantes, professores e instituições até a necessidade de circulação de títulos e diplomas.

Nesse sentido, notamos que a internacionalização no Ensino Superior tem proporcionado o fortalecimento da educação “[...] a partir de cooperações solidárias, onde acadêmicos compartilham conhecimentos já definidos ou se disponham a construir juntos com base na mobilidade e intercâmbio, que ora acontece entre os mais diversos países, sejam eles desenvolvidos e/ou subdesenvolvidos” (Bezerra, 2017: 2). Essas atividades possibilitam experiências diversas aos educandos, as quais não seriam possíveis considerando apenas o contexto de seu país.

Uma das formas de proporcionar a internacionalização no ensino é a mobilidade acadêmica, compreendida como uma imersão em uma cultura diferente propiciando ao docente/discente a observação e a construção em um local fora de sua realidade e, ao retornar, é esperado que os conhecimentos construídos ‘conversem’ com o seu contexto. Ao encontro disto,

Zatti (2007: 31) afirma que “[...] que uma educação que vise formar sujeitos autônomos deve unir lições da experiência e os projetos da razão.” Dessa forma, a educação não pode basear-se somente na experiência porque desta forma não haverá autonomia, uma vez que “[...] a autonomia se dá justamente quando o homem segue a lei universal que sua própria razão proporciona.” (Zatti, 2007: 32). Nesse sentido, Kant (2006) propõe uma educação para a autonomia que busca desenvolver capacidades, e busca que seus educandos atinjam suas próprias metas livremente. Desse modo, os conhecimentos construídos em uma Universidade são instrumentos para que seus estudantes realizem construções particulares.

Assim, vemos que o desenvolvimento pleno dos discentes, de modo que estes mobilizem competências para atuar nos mais diversos contextos é essencial. Como forma de fomentar a autonomia, a criticidade e o pensamento em rede, destacamos as experiências de internacionalização na educação (Bezerra, 2017, Nokkala, 2007, Luce, Fagundes e Mediel, 2016, Taschetto e Rosa, 2019). Notamos que “A construção do conhecimento através da mobilidade e intercâmbio de estudantes e professores de nível universitário vem permitindo maior integração com base no respeito à diversidade cultural entre nações desenvolvidas (norte) e sub e em desenvolvimento (sul)” (Bezerra, 2017: 12).

Como uma das principais e mais conhecidas estratégias de internacionalização, temos a mobilidade acadêmica, justamente “[...] por proporcionar a aquisição de conhecimentos e habilidades essenciais para que os sujeitos possam experimentar, na condição de estudantes e professores, o mundo globalizado, interagir no mercado multicultural e contribuir para o desenvolvimento social.” (Luce, Fagundes e Mediel, 2016: 318-319). Semelhantemente, Nokkala (2007, p. 121, tradução nossa) explica que “[...] experiências internacionais trazem maior compreensão, conhecimento tático, levando as pessoas a entender como e por que as coisas são realizadas de forma diferente em outros países e quais são suas consequências”. Tais atividades proporcionam aos discentes e docentes um desenvolvimento mais amplo, pois trabalham determinado assunto considerando não apenas uma realidade, mas duas ou mais.

Vale ressaltar que a mobilidade acadêmica é, por vezes, considerada como sinônimo de intercâmbio, o qual “[...] constitui-se sob diversas dimensões sendo o currículo, a habilidade dos professores e o modo como utilizam suas competências para a aprendizagem do estudante e o

conhecimento proporcionado alguns pontos importantes deste processo” (Luce, Fagundes e Mediel, 2016: 325). De acordo com as pesquisas de Taschetto e Rosa (2019), algumas regiões do mundo já consideram a mobilidade acadêmica como uma importante e necessária dimensão formativa para a contemporaneidade.

Além disso, é necessário mencionar a internacionalização em casa ou, como também é conhecida, a internacionalização *at home*, a qual conceitua-se como o conjunto de ações “[...] que inclui mudanças no currículo, nos métodos de ensino e aprendizagem e nas atividades cocurriculares” (Ramos, 2018, p. 15). Seu principal objetivo é proporcionar experiências de internacionalização sem que o estudante precise sair de casa, ou seja, sem a necessidade de deslocamento físico, o que facilita o processo e o deixa mais acessível para diferentes níveis sociais.

Dentre os principais achados da pesquisa destacamos que os universitários podem desenvolver sua autonomia diante das diferentes formas de internacionalização propostas, tais como mobilidade acadêmica internacional, internacionalização *at home* e pesquisas com estrangeiros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constatamos que a mobilidade acadêmica apresentou-se como a experiência mais significativa para o desenvolvimento da autonomia, visto que o acadêmico estuda ao menos um semestre no exterior. Por isso, as universidades brasileiras fomentam a internacionalização de diferentes modos: formação de graduandos e pós-graduandas, pesquisa conjunta, formação de professores e formação interinstitucional, conforme aponta Oliveira (2018).

O objetivo desse artigo foi analisar como as ações de internacionalização podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia na jornada acadêmica dos universitários. Para isso, o tema esteve em torno da relação entre a internacionalização do Ensino Superior e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Os autores mais utilizados foram Freire (2005) que discorre sobre a educação libertadora e autonomia do sujeito, Martins, Coimbra, Oliveira e Maturano (2019) que defendem as práticas das metodologias ativas no Ensino Superior como forma de promover a autonomia dos estudantes; Miranda e Stallivieri (2017), Bezerra (2017) e

Morosini e Ustárróz (2016) abordam a internacionalização do Ensino Superior como um caminho para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Os resultados da pesquisa mostram que a globalização impactou o sistema de ensino e todos seus componentes, inclusive currículos, docentes e discentes. As diferentes formas de internacionalização são benéficas para o estudantes desenvolverem a autonomia, pois ele tem contato com diferentes culturas e problemas em nível global, o que o desafia a pensar de forma cooperativa e inovadora em prol de soluções que atendem a todos. Desse modo, a internacionalização no Ensino Superior fortalece da educação, expandindo o olhar dos envolvidos para além das fronteiras territoriais, integrando pessoas de todos os tipos de países, o que proporciona uma troca rica de saberes.

Ainda salientamos como resultado da pesquisa que a autonomia é muito mais abrangente do que viver experiências internacionais. Para Kant (2006), a autonomia compreende o fato de o sujeito alcançar a suas metas livremente. Por isso, as oportunidades são relevantes, e as IES são instrumentos para os estudantes realizarem suas metas e possibilitarem experiências internacionais, podendo desenvolver suas potencialidades. Dentre essas experiências destacamos a mobilidade acadêmica internacional, a partir da qual emerge a oportunidade de estudar em outro país e mergulhar em uma cultura diferente. A internacionalização *at home* também pode ser citada como forma de contato com outros estudantes e professores, compreendendo vivências, onde os acadêmicos podem desenvolver sua autonomia.

Assim, sugere-se que esse assunto tenha continuidade, visto que o presente estudo possui limitações, por tratar-se de uma investigação bibliográfica, sem uma pesquisa de campo com pessoas que vivenciam a internacionalização em suas variadas formas. Da mesma forma, não houve análise documental de currículos de universidades para investigar o quanto a internacionalização está inserida no planejamento dos cursos. Pesquisas futuras podem explorar diferentes formas de coletas de dados, tais como questionários e entrevistas com acadêmicos que experienciaram a internacionalização e como isso contribuiu para a constituição da autonomia enquanto seres humanos.

## **REFERÊNCIAS**

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bezerra, A. F. D. (2017). Internacionalização da educação superior no mercosul: uma análise comparada de universidades públicas de argentina e Brasil. In: XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Mar del Plara, Argentina. Recuperado em 02 out. 2020 de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181118>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Engers, M. E. A. (2002). O cenário da sociedade-mundo e as implicações para a educação brasileira: desafios para a educação de professores. *Educ. Bras., Brasília*, 24 (48):151-169.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- KANT, I. Sobre a Pedagogia. Tradução Francisco C. Fontanella. Piracicaba-SP: Editora Unimep, 2006
- Kauark, F. da S.; Manhães, F. C.; Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum. 88p.
- Luce, M. B., Fagundes, C. V., & Mediel, O. G. (2016). Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 21(2), 317-340. Recuperado em 04 out. 2020 de: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772016000200317&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772016000200317&script=sci_arttext&tlng=pt).
- Martins, A. M. O., de Nazaré Coimbra, M., Oliveira, J. A., & Maturano, A. S. (2019). Metodologias ativas para a inovação e qualidade do ensino e aprendizagem no ensino superior. *Revista EDaPECI*, 19(3), 122-132. Recuperado em 04 out. 2020 de: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/12147>
- Morosini, M. C.; Ustárroz, E. (2016). Impactos da internacionalização da educação superior na docência universitária: construindo a cidadania global por meio do currículo globalizado e das competências interculturais. *Em Aberto*, 29 (97). Disponível: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2949>. Acesso em: 01 fev. 2019.
- Miranda, J. A. A. D., & Stallivieri, L. (2017). Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 22(3), 589-613. Recuperado em 06 out. 2020 de: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772017000300589&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772017000300589&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Nokkala, T. (2007). *Constructing the ideal university: The internationalization of higher education in the competitive knowledge society*. 309 f. (Academic Dissertation) – University

of Tampere, Tampere. Recuperado em 23 set. 2020 de:  
<https://trepo.tuni.fi/handle/10024/67779>.

Oliveira, E. F. (2018) *Mobilidade internacional discente: perfis e motivações do estudante estrangeiro na UFMG*. Orientador: Maria Alice Nogueira. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizontes. Recuperado em 23 set. 2020 de: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B5TJTD>.

Ramos, M. Y. (2018). Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. *Educação e Pesquisa*, 44 (1): 1-22. Recuperado em 23 set. 2020 de: <https://goo.gl/QV6yWU>.

Taschetto, L. R., & Rosa, G. C. (2019). Mobilidade acadêmica internacional: caminhos para vínculos transculturais. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, 21(47). Recuperado em 05 out. 2020 de: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4783>

Vieira, E. T., & dos Santos, M. E. D. G. (2019). Educação e desenvolvimento: transformação e ascendência de uma sociedade. *Humanidades & Inovação*, 6(18), 177-190. Recuperado em 05 out. 2020 de: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1918>

Zatti, V. (2007). *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre: EDIPUCRS. Recuperado em 05 out. 2020 de: <https://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomiaeducacao.pdf>.